

Economia.

Aeroportômetro

6 5 6

dias para a conclusão da obra

 EDITORA:
 JOYCE MERIGUETTI
 jmeriguetti@redgazeta.com.br
 Tel.: 3321.8327

PAÍS EM CRISE



INFLAÇÃO NÃO DÁ TRÉGUA E SUPERA OS DOIS DÍGITOS

IPCA chega a 10,4% em 12 meses. Pobres são mais afetados

 MIKAELLA CAMPOS
 mikaella.campos@redgazeta.com.br

Desemprego, preços nas alturas e perda do poder de compra do consumidor. O atual cenário nacional, semelhante ao período anterior ao Plano Real, tem assombrado o brasileiro, que cada vez mais passa a enxergar a impotência do governo federal para controlar a inflação e colocar a economia no lugar. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de novembro, divulgado ontem pelo IBGE, revela o porquê desse medo. Nos últimos 12 meses, os preços subiram em média 10,48% no país.

Essa alta reforça a ideia de que o país tem voltado ao passado: pela primeira vez, desde 2003, a inflação acumulada alcançou dois dígitos, um presságio do que está por vir, segundo especialistas, ao afirmarem que as projeções econômicas, nada otimistas, como a previsão de queda de 3,5% do PIB, podem agravar esse quadro. Para eles, é difícil a inflação oficial fechar o ano fora desse patamar até porque de janeiro a novembro, o índice já chegou a 9,62%, batendo outro recorde.

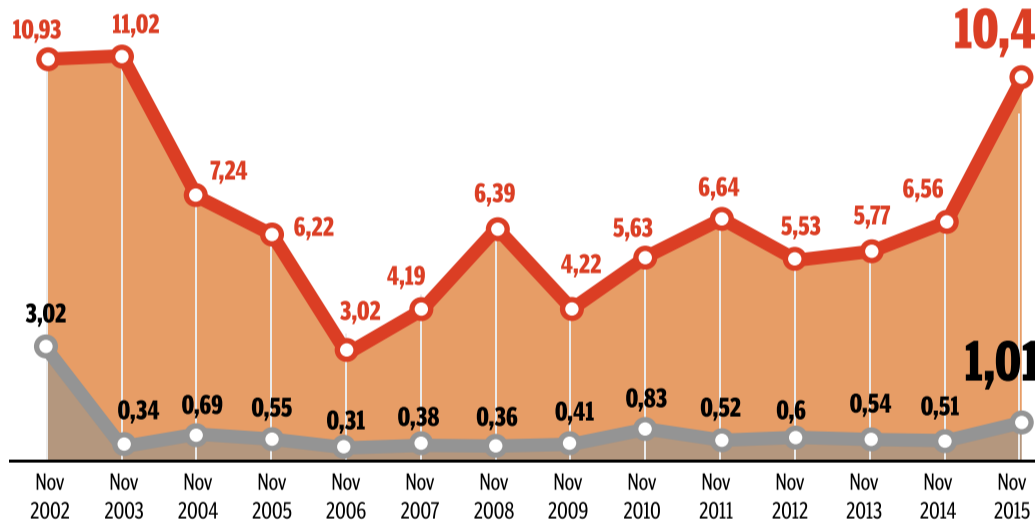
Quem mais sofre com esse desarranjo é a população mais pobre, que teve a inflação acumulada nos últimos 12 meses de 11,22%, de acordo com o Índice de Preços ao Consumidor - Classe 1 (IPC-C1), calculado pela Fundação Getúlio Vargas.

De um modo geral, todos os indicadores mostram que a avalanche de preço alto tem afetado todas as classes sociais. Na visão de analistas, os indicadores inflacionários

A INFLAÇÃO NOS ÚLTIMOS 13 ANOS

Inflação no país

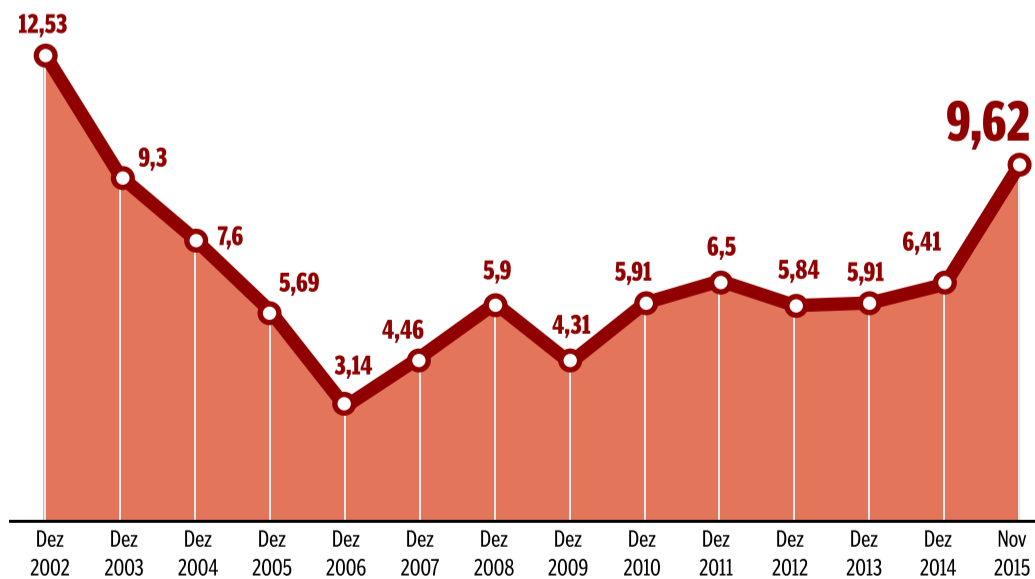
Em %



No acumulado de 12 meses, novembro de 2015 tem a maior alta desde 2003

Inflação em novembro

é a maior para esse mês desde 2002



No acumulado de 2015 até novembro, índice já ultrapassa em 3 pontos percentuais o resultado final de 2014

SAIBA MAIS

- O governo forçou o Banco Central a **reduzir juros** para atender a uma promessa de campanha. Juros baixos são desejáveis, mas se reduzidos para atender o governante, acabam elevando a inflação.
- Em ano eleitoral, o governo **segurou os preços** do combustível e da energia. Porém, passadas as eleições, os preços foram reajustados, o que pressionou a inflação.
- A redução da produção industrial torna os **produtos escassos** no mercado, elevando preços.

ment é a saída para o fim da recessão econômica”, acrescenta Loyola.

FATORES

Vários fatores, além do ritmo mais lento da produção industrial e também da alta do dólar, têm pressionado a inflação. A situação climática é uma delas. Até o preço das commodities e a crise do petróleo também repercutiram no bolso do consumidor.

Juntas, essas questões têm feito um estrago no orçamento doméstico.

“Pelo menos metade da inflação é composta de itens básicos para sobrevivência, como alimentação e transportes”, explica a gerente de pesquisa do IBGE, Irene Maria Machado. Segundo ela, só a alimentação compõe 25% do índice de inflação. “Os combustíveis tiveram participação de pelo menos 10% na inflação dos últimos 12 meses”.

atuais são resultado de uma economia desfalecida e que apresenta fragilidade, em meio à guerra política, para enfrentar inimigos como câmbio descontrolado e atividade industrial em declínio.

O economista e professor da Faculdade Pio XII

Marcelo Loyola afirma que muitos achavam que a inflação fosse cair, influenciada pela redução do consumo e do desemprego. Mas o que está acontecendo é o contrário. “Para o mercado, não existe nenhum plano econômico ativo para dar sus-

tentabilidade aos negócios. A indústria deixa de produzir, o comércio recebe menos produto. Com estoque baixo, os preços sobem”, explica.

O retrocesso vivido pelo país também é reflexo da dificuldade da União controlar as contas públi-

cas. “O governo não consegue realizar o ajuste fiscal. Não produz reformas necessárias para promover uma onda de otimismo que teria impacto na inflação. A desconfiança no governo é tão generalizada ao ponto de se acreditar que o impeach-

Infografia | Genildo



FREIO NO CONSUMO



FOTOS: MARCELO PREST

Denise Custódio e Luzia Cesconeti estão adaptando lista de compras e cortando supérfluos para driblar a inflação e equilibrar o orçamento doméstico

Alimentação, combustíveis e energia são os vilões dos preços

Na Grande Vitória, em 2015, índice de inflação já alcançou 8,37% em 11 meses

Apesar de a inflação do Espírito Santo apresentar um índice inferior à média nacional, a população do Estado tem buscado alternativas para enfrentar a escalada dos preços. Em novembro, enquanto o índice nacional ficou em 1,01%, o IPCA da Grande Vitória foi de 0,81%. No ano, o indicador alcançou 8,37%, de acordo com dados divulgados ontem pelo IBGE. Os maiores vilões também foram os alimentos, combustíveis e tarifas de energia.

Na tentativa de fugir da

inflação, a autônoma Luzia Cesconeti disse que só faz compras em dias de promoção. “Busco as ofertas de todos os supermercados e consigo economizar bem. Também cortamos alguns itens, como batata e carne. Além de fazer bem para o bolso, essa nova rotina tem ajudado minha família a se alimentar de forma mais saudável”, conta.

A auxiliar de serviços gerais Denise Custódio também mudou o comportamento de consumo. “A situação é bem preocupante. Está difícil manter o padrão de vida. Parei de comprar alguns supérfluos, como biscoitos. Só não abri mão do iogurte, por causa dos meus filhos”.

O economista e professor da Doctum Paulo Cezar Ribeiro afirma que o consumidor deve se preparar para uma inflação ainda maior em dezembro. “No final de ano, tudo naturalmente fica mais caro”, explica.

Na visão dele, uma possível melhora no cenário em 2016 vai depender do que acontecerá na esfera política. “Apaciência do empresário com o governo está esgotada. Não há mais confiança de que o país conseguirá se recuperar. Por isso, há uma expectativa no mercado para uma possível renúncia ou mesmo cassação da presidente Dilma Rousseff para a recuperação do otimismo”, analisa.

O QUE FICOU MAIS CARO

Item	Novembro (%)	No ano (%)	Em 12 meses (%)
Cebola	15,88	60,26	58,94
Alho	4,01	60,15	54,28
Tomate	34,77	51,03	40,53
Jogos de azar	0	47,5	47,5
Energia elétrica residencial	-1,92	35,03	44,49
Pêra	4,7	33,73	44,3
Sal e condimentos	3,18	30,58	28,93
Alface	14,52	28,19	28,49
Couve-flor	18,44	27,93	30,87
Feijão-carioca (rajado)	1,87	25,46	37,8
Instrumento musical	1,73	24,7	26,44
Ovo de galinha	3,51	24,58	23,78
Batata inglesa	41,93	23,76	48,01
Manteiga	3,24	23,68	27,88
Açúcar cristal	14,51	21,92	23,18
Gás de botijão	0,61	21,46	19,93
Manga	-8,12	20,98	13,51
Maçã	0,01	19,45	28,6
Café da manhã	0,69	18,68	15,65
Cheiro-verde	4,62	18,4	19,3
Artigos de armarinho	0,11	17,65	19,58
Músculo	1,08	17,51	19,29

Item	Novembro (%)	No ano (%)	Em 12 meses (%)
Gasolina	3,63	17,48	17,2
Frango inteiro	3,65	16,99	18,47
Etanol	7,24	14,52	13,81
Óleo diesel	1,24	14,06	16,06
Tapete	0,94	13,85	15,06
Patinho	1,7	13,74	14,68
Acém	3,9	13,62	17,39
Ensino médio	0	13,51	13,51
Conserto de automóvel	1,48	13,47	10,92
Educação infantil	0	13,42	13,42
Peixe cação	3,94	13,41	13,99
Alcatra	-0,87	13,19	15,46
Leite longa vida	0,44	10,99	4,34
Sabonete	1,11	10,92	9,97
Plano de saúde	1,06	10,91	11,75
Taxa de água e esgoto	0	10,7	10,7
Alimentação fora do domicílio	0,14	9,67	10,56
Condomínio	2,07	9,26	8,57
Telefone celular	2,88	9,08	9,08
Arroz	2,66	9,08	10,94

ANÁLISE

Estamos no meio de um furacão

É natural que qualquer divulgação de índices negativos sobre a economia do país enfraqueça o governo como um todo. Com a inflação, não é diferente. E é óbvio, também, que a oposição usa isso para criticar a gestão. Mas essa percepção não é nova. Inflação, desemprego e aumento de impostos são as piores coisas que existem para

um governo. Afeta diretamente a vida das pessoas, gerando uma situação gravíssima. Tanto que o governo está muito mal avaliado. Criou-se um ciclo vicioso. Infelizmente não conseguimos enxergar uma solução a curto prazo. A crise política alimenta a continuidade de uma crise econômica. Muitos empresários dizem que resolvendo o

político se resolve o econômico. Será? Quando a situação ficou feia, vários empresários vieram a público defender a estabilidade institucional. Nem isso agora está acontecendo. Estamos no meio de um furacão. É hora de grupos organizados da sociedade voltarem a público para cobrar a solução para os problemas.

—
ANDRÉ PEREIRA
DOUTOR EM CIÊNCIA POLÍTICA
E PROFESSOR DA UFES

ANÁLISE

Efeitos da lambança econômica

O IPCA de novembro é uma má notícia, mas confirma o esperado: os preços dos combustíveis e da energia, represados pelo governo Federal para conter, artificialmente, os índices de inflação, quando liberados, produziram mais inflação. A economia recebe hoje a fatura da política econômica de ontem – do primeiro mandato do governo Dilma. O aumento

dos preços dos combustíveis aumentou o preço do frete, que aumentou o custo de transportes, que aumentou o custo de vida. Esse movimento, combinado com a sazonalidade dos preços dos alimentos e o aumento da taxa de câmbio, reduziu o poder de compra das famílias. Para as empresas, ele foi aumento de custo pois, combustíveis e energia elétrica são

insumos de produção. E aumento de custo reduz a competitividade. Entramos num ciclo vicioso em que o empobrecimento da população reduziu o consumo, que reduziu vendas, que reduziu produção, que reduziu o emprego, que nos trouxe para a recessão. Eis o efeito da lambança da política econômica da presidente Dilma.

—
ARILDA TEIXEIRA
ECONOMISTA E PROFESSORA
DA FUCAPE